

# HISTÓRIAS CONTADAS POR CRIANÇAS COM CÂNCER\*

*Stories told by children with cancer*

LUCIANA PAGANO CASTILHO FRANÇOSON<sup>1</sup> ELIZABETH RANIER MARTINS DO VALLE<sup>2</sup>

O GACC - Grupo de Apoio à Criança com Câncer (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP) desenvolve várias atividades de assistência e pesquisa na área da Oncologia Pediátrica. Dentre estas atividades, há o grupo de trabalho com criança com câncer, coordenado por uma psicóloga. No grupo, cujas reuniões são semanais, são desenvolvidas atividades lúdicas não-dirigidas, possibilitando uma livre expressão das experiências por parte das crianças além de propiciar a investigação de suas formas de integração das questões relacionadas à doença e ao tratamento. Foi realizada uma análise qualitativa das 28 histórias contadas pelas crianças no decorrer de 41 reuniões, o que mostrou os principais temas que emergiram. Através de suas histórias reais e imaginárias as crianças expressaram suas idéias, preocupações e sentimentos a respeito da doença e do tratamento, sendo que o tema da morte apareceu significativamente.

**Unitermos:** Câncer infantil - aspectos psicológicos.

**Keywords:** Childhood cancer - psychological aspects.

\* Trabalho realizado pelo GACC - Grupo de Apoio à Criança com Câncer (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP) e Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

1 - Mestre em Enfermagem em Saúde Pública, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

2 - Professor Assistente Doutor do Depto de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

## Introdução

A tualmente o câncer infantil é considerado doença passível de cura, dados os avanços ocorridos na área da Oncologia Pediátrica nas últimas décadas. Porém, é ainda uma doença grave que traz a possibilidade de morte da criança doente. Tal possibilidade é vivida enquanto uma ameaça constante pela própria criança, sua família e pelos profissionais da equipe de saúde que os assistem. Esta vivência é, em grande parte, intensificada pela associação que vigora em nosso meio social entre câncer e dor, sofrimento e morte. Tal associação diz respeito aos significados simbólicos que o câncer assumiu em nossa cultura: tornou-se uma metáfora da destruição e do mal (5,8,10).

Portanto, a partir do momento em que se define o diagnóstico de algum tipo de câncer infantil, as questões relacionadas ao tema da morte passam a fazer parte da vida da criança e dos adultos que a cercam. Estas questões suscitam angústia, e esta é vivida por todos os envolvidos fazendo-se presente de forma silenciosa cotidianamente. Necessitam,

Endereço para correspondência: Av. Costábile Romano, 280 - apto 1401 - CEP 14096-030 - Ribeirão Preto - SP.

portanto, serem consideradas, investigadas e compreendidas. Deparar-se com o câncer traz dificuldades e problemas, assim como sensação de impotência e inabilidade para enfrentar as situações que o envolve(3, 5, 13).

Tais dificuldades e problemas surgem de maneira particular e específica, revestidas pelas experiências vividas em determinadas situações. Mas possuem um aspecto geral, já que dizem respeito à forma como a morte é encarada em nossa cultura.

No que se refere à criança especificamente, esta entra em contato com a nova situação vital que a doença lhe impõe de acordo com seus recursos cognitivos e afetivos, assim como os recursos dos adultos que a cercam.

A criança, de alguma maneira, percebe sua doença e seu tratamento, atribuindo significados às suas experiências. Inúmeros trabalhos chamam atenção para a necessidade da criança ter espaço junto aos adultos para poder expressar seus sentimentos e dúvidas, e integrá-los de maneira adaptativa (1, 6, 11, 13).

Fica evidente a dificuldade de estabelecer tal espaço dada a frequência com que o adulto - tanto os familiares da criança doente como os profissionais de saúde - vive ele mesmo suas próprias dificuldades com questões relacionadas à morte.

Diante desta evidência, surgiu no GACC - Grupo de Apoio à Criança com Câncer, a idéia de estabelecer um espaço deste tipo na rotina do tratamento do câncer infantil. Criou-se, assim, o grupo de trabalho com crianças com câncer, cuja finalidade é propiciar um acompanhamento psicológico sistematizado das crianças nas várias fases de seus tratamentos. O objetivo do grupo é, portanto, facilitar a livre expressão de preocupações, dúvidas e sentimentos das crianças participantes, além de possibilitar uma investigação das formas pelas quais elaboram suas experiências.

As atividades do grupo emergem espontaneamente e se configuram através de dramatizações, desenhos livres, leituras de livros infantis e relatos de histórias. Ocasionalmente há manifestações de dúvidas quanto à doença e ao tratamento e, na oportunidade, o espaço do grupo é aproveitado para as informações adequadas.

As reuniões são anotadas e esses registros se constituem num rico material que pode ser analisado no sentido de se conhecer melhor a criança, facilitando a compreensão de quem dela cuida.

Quadro 1 - Identificação dos Participantes

| Participantes | Sexo | Data Nascimento | Diagnóstico       | Data diagnóstico | História contada      |
|---------------|------|-----------------|-------------------|------------------|-----------------------|
| J.            | F    | 13/05/86        | LLA*              | 23/05/89         | 1, 24                 |
| L. V.         | M    | 22/12/86        | LLA               | 26/11/90         | 2, 4, 6               |
| G.            | F    | 23/09/82        | LLA               | 29/05/91         | 3, 11, 14             |
| R.            | M    | 07/06/81        | LLA               | 02/03/90         | 5                     |
| A.P.          | M    | 24/10/84        | LLA               | 23/02/89         | 7, 17, 18, 19, 21, 26 |
| L. M.         | F    | 08/85           | LLA               | 07/90            | 8, 9                  |
| F.            | F    | 10/12/86        | LLA               | 06/09/90         | 10                    |
| D. P.         | F    | 03/10/81        | LLA               | 13/12/91         | 12                    |
| S.            | F    | 14/01/80        | Linfoma Hodgkin   | 27/09/91         | 13                    |
| M.            | M    | 27/12/84        | Linfoma Hodgkin   | 01/92            | 15, 16                |
| E.            | M    | 25/12/85        | LLA               | 11/04/89         | 20                    |
| L. B.         | F    | 18/10/80        | Neurofibrom       | 26/10/91         | 22                    |
| A. C.         | F    | 08/05/86        | aLLA              | 21/06/90         | 23                    |
| F.            | F    | 29/05/80        | Neuroblast        | 13/12/90         | 25                    |
| D. R.         | F    | 29/02/84        | Linf. não-Hodgkin | 22/03/90         | 27, 28                |

\* LLA: Leucemia Linfóide Aguda.

Há múltiplas possibilidades de análise do material advindo das reuniões do grupo mencionado. No momento, a proposta é considerar as histórias reais e imaginárias contadas espontaneamente pelas crianças no decorrer das reuniões, com o objetivo de verificar os temas presentes, e a partir deles, delinear as idéias, preocupações e sentimentos manifestados por elas.

## Casuística e métodos

### Descrição do grupo - local e participantes

O grupo reúne-se semanalmente durante uma hora, em local e horário fixos. As reuniões acontecem numa sala da Enfermaria da Clínica Pediátrica do HCFMRP-USP. As crianças participantes, em média 6 em cada reunião, têm diferentes tipos de câncer e encontram-se em diferentes fases de seus tratamentos (quadros 1 e 2).

As crianças, cujas idades variam de 4 a 12 anos, são convidadas pela psicóloga que coordena o grupo a participarem da reunião. Quando aceitam, são levadas à sala na qual se encontra disponível para uso material gráfico (lápis de cor, giz de cera, tintas, papel) e lúdico (bonecos, carros, massa para modelar, recipientes de diversos tamanhos, bolas, etc.).

Já na sala, a psicóloga apresenta-se, informa o horário e o objetivo do grupo, convidando as crianças a apresentarem-se. Num momento seguinte propõe que ajam livremente, e limita-se a elucidar e/ou integrar de forma compreensível

**Quadro 2 - Contextualização das histórias contadas**

| História   | Data reunião do grupo |
|------------|-----------------------|
| 1, 2       | 06/09/91              |
| 3, 4, 5, 6 | 18/10/91              |
| 7, 8, 9    | 01/01/91              |
| 10         | 29/11/91              |
| 11         | 13/12/91              |
| 12         | 22/05/92              |
| 13         | 03/07/92              |
| 14         | 10/07/92              |
| 15         | 21/08/92              |
| 16         | 11/09/92              |
| 17, 18, 19 | 18/09/92              |
| 20         | 02/10/92              |
| 21, 22     | 30/10/92              |
| 23, 24, 25 | 13/11/92              |
| 26, 27     | 11/12/92              |
| 28         | 05/03/93              |

\* LLA: Leucemia Linfóide Aguda.

vel a todos a experiência vivida no momento, relacionando-a, quando é o caso, com questões relativas à doença e ao tratamento. Durante as reuniões do grupo tudo o que ocorre é anotado: as falas, expressões, modalidades de brincadeiras e conteúdos das mesmas.

### **Procedimentos para a análise das histórias**

Foi realizada análise qualitativa de 28 histórias contadas por crianças participantes de 41 reuniões do grupo. Muitas destas histórias vieram acompanhadas por desenhos.

As etapas da análise foram as seguintes:

- Leitura das transcrições das 41 reuniões, na qual foram destacadas 28 histórias contadas pelas crianças;
- Tendo em vista a questão orientadora "O que as crianças nos contam com suas histórias?", as histórias foram relidas, atentivamente;

- Nessa releitura, tentamos destacar a temática que cada história mostrava;

- Percebemos que havia convergência de temas e, sendo assim, as histórias foram agrupadas de acordo com as situações a que remetiam.

### **Resultados**

Assim, analisando qualitativamente as histórias e considerando os desenhos que quase sempre as acompanham, as seguintes situações emergiram:

- Situações que envolvem relações afetivas (Histórias 4, 10, 11, 12);
- Situações que envolvem ameaças (Histórias 3, 5, 6, 9, 24, 27, 28);
- Situações que envolvem expectativas diante de desejos (Histórias 20, 25, 26);
- Situações que envolvem perdas (Histórias 13, 14, 23);
- Situações que envolvem a morte (Histórias 1, 2, 7, 8, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23).

#### **Situações que envolvem relações afetivas**

Nas histórias das crianças surgem situações que envolvem relações entre irmãos (Histórias 4 e 10), mãe e filha (História 11) e amigos (História 12). As relações afetivas significativas para a criança aparecem, desta forma, retratadas em histórias com enredos simples, relacionados a cenas cotidianas vividas pela criança. O sentido de tais relações, no entanto, é particular para cada criança que a representa através das histórias e dos desenhos que as acompanham.

Assim, temos a História 4:

"Era um homem em cima do cavalo levando flores pra sua irmã que está na casa. Está chovendo. O homem é namorado dela e irmão dela". (História 4 - L. V., 5 anos).

Nesta, o irmão-namorado dirige-se à irmã-namorada no meio de uma chuva levando-lhe flores, denotando sua força e potência numa situação adversa. A relação afetiva aparece, neste caso, como uma sustentação importante, em uma situação difícil.

Em outra produção na qual aparece a relação entre irmãos, esta surge numa situação de rotina, na qual as irmãs retornam da escola para casa juntas (História 10).

"São três irmãs. Elas foram na escola e estão indo pra casa." (História 10 - F., 5 anos).

Há ainda a relação entre mãe e filha retratada na História 11:

"A mãe mandou a menina tomar banho pra ir pra escola: Levanta, filha! Você vai se atrasar! Se você não for tomar banho, no Natal não vai ter presente." (História 11 - G., 9 anos).

Nesta, aparece uma cena do cotidiano de uma criança sendo acordada pela mãe para ir à escola. Vale dizer que a criança autora desta produção havia perdido a mãe há alguns anos, e vinha sendo cuidada alternadamente pelo pai,

tias e avós desde então. A cena, de uma simplicidade aparente, ganha, assim, um sentido próprio e particular: expressa, na realidade, o desejo da criança da presença de uma mãe cuidadosa, firme, e até ameaçadora se for preciso, para protegê-la e salvaguardá-la.

As histórias reproduzidas e, ainda, a História 12, tornam presente, portanto, o tema das relações afetivas familiares e extrafamiliares no universo de idéias, pensamentos e sentimentos das crianças.

O caráter das relações afetivas retratadas é fundamentalmente protetor. A presença do outro - familiar ou não - atesta cuidado, segurança e acolhimento. É trazida, portanto, através das histórias, uma experiência psíquica de proximidade com as pessoas circundantes, proximidade esta que garante a sensação de conforto e apoio.

Além disso, as histórias refletem o desejo de uma realidade com atividades cotidianas desvinculadas da doença e do hospital.

### **Situações que envolvem ameaças**

Nas histórias contadas, as crianças trazem situações que envolvem acidentes (Histórias 3, 5, 6), castigos (História 9), riscos (História 24) e estragos (Histórias 27 e 28). Tais situações remetem, de alguma maneira, a vivências ameaçadoras, seja esta ameaça efetiva ou potencial.

A ameaça efetiva traduz-se nas histórias nas quais há acidentes com conseqüências destrutivas:

"Era um pé de maçã, o menino subiu no pé de maçã e caiu no chão, e machucou a perna. Levaram (o pai dele levou) ele pro hospital. Lá engessaram a perna dele. Aí ele sarou e foi embora, e não fez mais arte." (História 3 - G., 9 anos).

"O moleque estava em cima da árvore e caiu.

A mãe dele pegou ele e levou pro hospital.

Ele tinha quebrado o braço. Aí ele não subiu mais na árvore." (História 5 - R., 10 anos).

"O moleque subiu na árvore e caiu; chamou a mãe dele e ela não ouviu. Ele chorou." (História 6 - L. V., 5 anos).

Às quedas seguem-se machucados e fraturas, e a necessidade de uma figura protetora que socorre e cuida do acidentado. A ausência desta figura na história 6 aparece como uma conseqüência do acidente por si só - o acidentado pede ajuda, não pode ser ouvido e chora, sozinho. De qualquer forma, faz-se presente a idéia de punição no desenrolar destas histórias: o acidentado é punido pelo seu ato (subir na árvore) machucando-se, fraturando-se, ou permanecendo sem socorro ou cuidado.

A idéia de punição pelo ato de risco que subir na árvore

representa, é claramente manifestada na história 9, na qual há o castigo antes mesmo do acidente:

"Era uma vez um menino. Ele estava na casa dele e não queria nem brincar. Ele apanhou frutinhas. Daí a mãe dele bateu nele porque não podia apanhar. Daí o pai dele bateu nele também." (História 9 - L. M., 6 anos).

A ameaça efetiva, portanto, é ligada à idéia de punição por um ato arriscado, punição esta que pode advir de várias formas. A questão central trazida por estas histórias é a responsabilidade que seus personagens centrais têm sobre experiências de alguma maneira negativas e desastrosas para si próprios.

A ameaça potencial é trazida através de histórias que utilizam como tema elementos da natureza:

"É um arco-íris bem colorido. Aqui o sol e uma nuvem, aqui raios de sol e de nuvem. O do sol é bom, o da nuvem é ruim. O raio do sol é mais forte do que o da nuvem, está ganhando - ele pode explodir a nuvem. Aqui é um prédio. Tem estes riscos pros vizinhos não atrapalharem (uns aos outros). Estas são pegadas de animais - macacos, jacarés. Eles querem entrar no prédio para assustar as pessoas. Mas tem um guarda forte na porta que não deixa." (História 24 - J., 6 anos).

"Está chovendo e ventando muito. O vento derrubou as mangas - elas vão apodrecer, ou eu vou pegar no chão e comer." (História 27 - D. R., 9 anos).

Nestas, há idéia de risco e de estrago causado principalmente pelas condições e forças da natureza - chuvas, nuvens, animais selvagens. Há, porém, a possibilidade de enfrentamento da situação através de soluções possíveis - a força do sol neutralizando os efeitos nocivos das nuvens, o guarda protetor vigiando a entrada do prédio, o ato de comer a fruta e aproveitá-la antes que se estrague.

Tais histórias trazem a idéia de competição entre forças do bem e do mal, da vida e da morte. Assim, essas duas forças bipolares interagem na mesma história e há prevalência do bem sobre o mal na atitude de enfrentamento.

Porém, na história 28 há uma passividade do sujeito, que se limita a manifestar seu desagrado perante a ameaça - no caso, a chuva.

"É a casa, as árvores. Chove muito, muito, e eu não gosto da chuva." (História 28 - D. R., 9 anos).

Seja através de situações de ameaças efetivas ou de ameaças potenciais, as histórias contadas trazem vivências de angústia das crianças. A forma de lidar com tal angústia, ou seja, a "solução" encontrada para cada história, é profundamente particular e específica, conforme mostram os seus desfechos. De qualquer modo, são trazidas experiências de sofrimento psíquico, relacionado à sensação de vulnerabilidade intensa expressas por estas crianças nas histórias contadas.

### **Situações que envolvem expectativas diante de desejos**

Algumas histórias trazem uma situação de expectativa diante da dificuldade e/ou possibilidade de alcançar algo desejado (Histórias 20, 25, 26).

Na história 20, o objeto de desejo é de difícil, mas possível alcance e há uma disposição ativa para consegui-lo:

“É uma casa; um menino está tentando pegar a maçã e está bravo por que não consegue.

Ele vai subir na árvore.” (História 20 - E., 7 anos).

Nas histórias 25 e 26, há a presença de elementos mágicos, mas a situação se repete; há algo desejado a ser alcançado:

“Eu fiz um arco-íris. Quando vi um de verdade, fiz 3 pedidos. Dois deram certo, um não. Pedi que corresse tudo bem na cirurgia, e nem precisei fazer. Pedi pra passar de ano e vou passar. O terceiro é coisa de namorado e não posso contar ainda.” (História 25 - F., 12 anos).

“É uma ilha com um tesouro. Os homens vão chegar e achar o tesouro.” (História 26 - A. P., 8 anos).

Através das histórias as crianças expressam, portanto, uma situação psíquica de expectativa de alcançar um objeto de desejo, expectativa esta positiva. Revelam, assim, a possibilidade de sentirem-se potentes para buscar algo capaz de trazer benefícios.

### **Situações que envolvem perdas**

As histórias que expressam situações de perda envolvem elementos e movimentos da natureza (Histórias 13, 14 e 22).

Na história 14, é o movimento das nuvens que esconde o sol - a luz, o calor, a vida:

“As nuvens estão escondendo o sol. Já já ele vai sumir de vez.” (História 14 - G., 10 anos).

Nas histórias 13 e 22, é a ação da natureza sobre alguns de seus elementos, as plantas, que produz o mesmo efeito:

“Uma flor triste e uma alegre, a triste perdeu umas pétalas porque o vento foi muito forte.” (História 13 - S., 12 anos).

“É um girassol. As flores caíram porque secaram. Os côcos estão furados.” (História 22 - L. B. 12 anos).

Dessas histórias emergem idéias de desalento e de estrago de vida. A sensação de perda é bastante clara, e há uma espécie de passividade diante de sua ocorrência. Tal passividade pode ser compreendida como o resultado da impotência diante das forças da natureza, cujos movimentos e ciclos se constroem através da vida e da morte de seus elementos.

A perda, em todo caso, é sentida como um processo de

fenecimento, que remete a uma experiência psíquica de certa forma caracterizada pela resignação e pela aceitação dos fatos que, apesar de não desejados, são inevitáveis e incontroláveis. A idéia de impotência permeia tal experiência psíquica expressa por estas histórias - impotência reconhecida e respeitada.

### **Situações que envolvem a morte**

As situações de morte às quais as histórias remetem referem-se às mortes ocorridas e lembradas através dos relatos das crianças (Histórias 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23) e a mortes ocorridas em enredos imaginados pelas crianças, com a inserção de personagens inventados ou não por elas (Histórias 1, 2, 7, 8).

Dentre as mortes ocorridas e lembradas, há as de animais:

“Tinha uns cavalos que morreram... Eles estavam machucados e o dono deles precisou mandar matar eles. Um cavalo machucado pode matar então?” (História 15 - M., 8 anos).

Diante dessa preocupação “cavalo machucado pode matar então?” não poderia ser estabelecida uma analogia com “criança doente então pode morrer?”

Há as de pessoas conhecidas:

“Teve um acidente e o moço, que eu conhecia, morreu. Ele ficou cheio de sangue e morreu. Fiquei com medo quando me contaram.” (História 21 - A. P., 8 anos).

Há as de familiares:

“Eu tinha um tio que estava doente e morreu.” (História 16 - M., 7 anos).

“Sabe que uma prima minha morreu? Ela ainda estava na barriga da minha tia. Não sei o que aconteceu. Uma outra prima foi atropelada por um ônibus e morreu. Ela era pequena.” (História 18 - A. P., 8 anos).

E há as de companheiros, no caso, de uma criança em tratamento:

“Você ficou sabendo da L.? Ela morreu. Eu chorei muito. O pai dela nem apareceu; eu fui só lá no enterro, porque eu quis. Eu queria ir e minha mãe me levou. Eu lembro dela brincando.” (História 23 - A. L., 6 anos).

A morte é trazida sob várias facetas. Há associação com a doença e o sacrifício, no caso dos animais, e a morte neste caso é previsível e consentida. Há associação com acidentes por atropelamento, nos casos do conhecido e a prima e a morte, neste caso é uma fatalidade. Há associação com doenças similares às das crianças que as relatam nos casos do tio (que sofria de câncer) e da companheira de tratamento, e a morte, neste caso, é um risco próximo.

Ainda lembrada em associação com doença, a morte tam-

bém é trazida como algo feio, que causa medo, personificada numa caveira.

“Vou fazer uma igreja. As pessoas vão na igreja pra rezar pros doentes...”

“Eu já fui num cemitério. É feio, muito feio... Aqui é a caveira, que depois que alguém morre vira. Aqui é a chuva e o ar. É assim: o morto vira caveira e sai de lá pra assustar a gente... Meu pai falou que quando brigo, a caveira pode vir me assustar.” (Histórias 17 e 19 - A. P., 8 anos).

De qualquer forma, acompanham as histórias não só os desenhos que representam os sentimentos ligados à morte relatada, mas também uma atitude de questionamento relacionada à morte de modo geral.

As histórias trouxeram à tona as idéias, sentimentos e preocupações em torno das questões relacionadas à morte, tema de interesse significativo para as crianças. Tal interesse manifesta-se, nestes casos, de forma direta e explícita.

Indiretamente, de forma menos explícita, o mesmo ocorre com crianças que trazem o tema de morte através de histórias imaginadas. Estas são construídas através de personagens conhecidos do mundo infantil:

“Era uma vez a mãe do chapeuzinho vermelho que mandou ela levar docinho pra vovó e ela levou, e a vovó falou: não passe pela floresta que o lobo mau vai te comer. Ela passou. O lobo mau comeu a vovó, vestiu a roupa dela. Chapeuzinho saiu correndo! O caçador chegou, matou o lobo mau e eles viveram felizes para sempre - o caçador tirou a vovó da barriga do lobo.” (História 8 - L. M., 6 anos)

E através de personagens específicos criados pelas próprias crianças:

“Era uma vez o orelhudo, que tava caçando uma menina pra matar e comer. O pai dela buscou ela e ela continuou viva. Ele xingou o orelhudo: Chato! Vagabunda!” (História 1 - J., 5 anos).

“Era uma vez uma menina. O pica-pau bicou ela e ela caiu da escada. Aí chegou a estrela chamada coração e ficou olhando. O pica-pau chamou os peixinhos que mataram ela e ela ficou cega e careca. E ela morreu. A estrela não pode ajudar ela.” (História 2 - L. V., 5 anos).

“Era uma vez dois meninos. Eles estavam brincando na rua. Os ladrões pegaram eles e tacaram eles no rio. O tubarão comeu eles, depois. Antes de tacer do rio, os ladrões mataram os meninos.” (História 7 - A. P., 7 anos).

A morte aparece como resultado da ação alheia - mal sucedida, nos casos de uma proteção possível (Histórias 8 e 1) e bem sucedida, nos casos de uma proteção impossível (Histórias 2 e 7). É possível, novamente, apreender uma nítida divisão entre elementos do bem e do mal, a luta travada entre eles, a vitória de um, o fracasso de outro e a ocorrência da morte nestes termos. Vida e morte, assim,

aparecem em pólos opostos, e a onipotência de um atesta a impotência do outro.

## **Discussão**

As histórias contadas pelas crianças trazem situações que revelam múltiplas e complexas facetas de suas experiências psíquicas. Embora não seja proposta deste trabalho analisar os desenhos que acompanham as histórias mas apenas apresentá-los para ajudar na compreensão das mesmas, é importante assinalar que tais desenhos revelam também esse especial momento de incertezas, de ameaças, de medo da morte vivido pela criança. Assim, representações clássicas do câncer e da morte neles aparecem, a exemplo de outros trabalhos sobre desenhos da criança com câncer (2, 9): uso da cor negra; o aparecimento de cruz, de imagens humanas estranhas; personagens perdidos num canto da folha branca; o fenecimento de elementos da natureza, casas sem fundação, árvores sem raízes, sol com muitos raios lembrando uma aranha; nuvens, aves e traçados por todo desenho representando chuva ou pegadas de animais (ameaça).

É bastante significativa a preocupação e a necessidade de expressar-se em relação às questões ligadas à morte, seja de forma explícita - através de histórias que mostram claramente situações que envolvem a morte - seja de forma implícita, indireta - através de histórias que tratam de situações que envolvem ameaças e perdas. Há uma nítida predominância dessa temática em detrimento das outras.

As situações que expressam as relações afetivas e seu caráter protetor, assim como as relacionadas à expectativa de realização de desejos surgem em uma minoria das histórias. A busca de proteção e afeição e as tentativas de conseguir alguma coisa difícil parecem evoluções psíquicas saudáveis da criança que vive em meio a tantas experiências de dor e medo. Assim, a segurança, a tranqüilidade, a busca de proteção e a sensação de potência reveladas nessas histórias mostram uma disposição dessas crianças para enfrentamento da realidade que as cerca e parecem ser partes integrantes de suas experiências.

Entretanto, o que surge enquanto característica mais marcante das experiências dessas crianças é uma vivência fundamentalmente ligada à situação da doença e do tratamento.

O câncer infantil, é uma doença grave, que traz a possibilidade de morte da criança doente, e cujo tratamento é geralmente invasivo, doloroso e agressivo. Por isso, engendra situação de incertezas e ameaças constantes para a criança e seus familiares. A questão da morte passa a fazer parte do dia-a-dia da criança com câncer, mesmo que não seja abordada ou discutida diretamente.

As crianças, portanto, vivenciam estas situações de incertezas e ameaças assim como elaboram as questões relacionadas a morte, de acordo com seus próprios recursos cognitivos e emocionais. Suas histórias revelam alguns aspectos destas vivências e alguns indícios de suas formas de elaboração.

Dentre estes aspectos, destaca-se a sensação de vulnerabilidade, fragilidade e impotência diante dos fatos inerentes à vida. Os acidentes e estragos retratados nas histórias denotam esta sensação. Diante desta sensação e como que para aliviá-la, já como solução atribuir a possibilidade de controle a algo ou a alguém. Assim, a responsabilidade recai sobre si mesmo, que passa a ser merecedor de uma punição ou castigo, ou recai sobre os movimentos da própria vida, simbolizados pela natureza e seus elementos.

Há portanto, a necessidade de atribuir um sentido para as ameaças e riscos vividos que, em última instância, representam a percepção da possibilidade da própria morte, trazida pela doença e suas conseqüências.

Algumas considerações podem ainda ser feitas sobre as múltiplas faces que as histórias revelaram.

Uma dessas faces é a questão das dicotomias que aparecem em diversas histórias. Oppenheim(9) assinala que a confrontação com a morte pode produzir efeitos de divisão do sujeito: um lado claro, bom, que luta para preservar a vida e outro escuro, mau que representa a morte. Esse jogo de forças psíquicas interiores da criança é possível de ser observado: o sol bom e a nuvem ruim (histórias 24 e 14); a flor alegre e a flor triste (história 13).

Outro ponto diz respeito à personificação da morte que aparece nas histórias de diferentes modos: nuvens que encobrem o sol (história 14); flores secas, cocos furados (história 22), mangas que vão apodrecer (história 27); animais que ameaçam invadir (história 24), vento e chuva (histórias 4, 27, 28), animais que atacam: pica-pau, peixes (história 2) e tubarão (história 7), lobo mau (história 8), um personagem indeterminado - o orelhudo (história 1), ladrões (história 7), caveira (história 19).

É possível resgatar os sentimentos agressivos que as histórias contadas pelas crianças mostram com grande força: os castigos prometidos - não ganhar presente no Natal (his-

tória 11), a mãe e o pai que batem na criança (história 9); o vento forte que arranca as pétalas da flor (história 13), que derruba as mangas (história 27); o raio que explode a nuvem (história 24); as quedas, os acidentes, as fraturas, as machucaduras, os ataques destrutivos dos animais, dos ladrões (histórias 1, 2, 3, 5, 6, 7, 18, 24).

Duas histórias fazem claramente alusão à imagem do câncer na criança - a alopecia: a menina que ficou careca (história 2) e a flor que perdeu as pétalas (história 13).

Pelos conteúdos e desfechos das histórias é possível captar uma postura ativa ou passiva da criança conforme já mostrado denotando sentimentos de potência ou impotência e mesmo o abandono diante das situações vividas. Por exemplo na história 6 - a criança chora porque sua mãe não ouve seus apelos após cair da árvore; configura-se o sentimento de solidão, de abandono diante da própria sorte. Já nas histórias 1, 3, 5 e 8 a criança é socorrida e cuidada, revelando, nesse momento, desejo de proteção e afeto, como nas histórias 4, 10, 11, 12. Posturas ativas, potentes emergem das histórias 20, 25, 26 que envolvem desejos de conseguir algo difícil, porém não impossível, enquanto nas histórias 13, 14, 22, que traduzem perda, estão presentes sentimentos de impotência, passividade, fatalidade.

Assim, as histórias (e seus desenhos) dão uma idéia do universo psíquico da criança confrontada com seu câncer, testemunhando suas preocupações, seus sentimentos, suas idéias.

Por isso, é importante notar que o espaço do grupo de trabalho com as crianças propicia uma efetiva expressão de suas vivências e a oportunidade de buscar um sentido para o que está ocorrendo consigo através dos questionamentos, da manifestação de suas dúvidas e preocupações, das trocas de experiências. É um espaço no qual os sentimentos e pensamentos da criança podem encontrar um eco positivo, possibilitando-lhe elaborar suas vivências de modo construtivo.

Poder abordar diretamente as questões relacionadas à doença e ao tratamento, significa poder enfrentar as questões ligadas à morte de forma aberta e clara. E esse enfrentamento traz alívio para a angústia que seu ocultamento fatalmente traz.

Ao psicólogo cabe acompanhar esses movimentos das crianças, facilitando-lhes a sua expressão, possibilitando-lhes, enfim, o encontro consigo mesmas.

### Summary

*The support group for children with cancer (GACC) of the Hospital das Clínicas of the Ribeirão Preto Medical School - University of São Paulo - is developing various assistance and research activities in Pediatric Oncology. Among these activities is the group of children with cancer, coordinated by a psychologist. Every week a non-directed play activity meetings, this group gives children the possibility to express themselves freely. A qualitative analysis of the stories told spontaneously by the children in 41 meetings has revealed the main subjects that emerge. Through their real and imaginary stories, the children express their concerns, doubts and feelings about the illness and the treatment, talking the subject of death in symbolic terms.*

**Referências bibliográficas**

- 1 - ALBY, N. - La mort de l'enfant. Gazzette medicale, 95(2), 1988.
- 2 - FLORES, R. J. - A utilidade do procedimento de desenhos e estórias na apreensão de conteúdos emocionais em crianças terminais hospitalizadas. Campinas, 1984 (Dissertação Mestrado - PRC - Campinas).
- 3 - FRANÇOSO, L. P. C. - Enfermagem: imagens e significados do câncer infantil. Ribeirão Preto, 1993 (Dissertação Mestrado - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto).
- 4 - GIORGI, A. - Phenomenology and psychological research. Pittsburg, Duchesne Universit Press, 1985.
- 5 - HOFFMANN, L. - Os médicos e a morte na infância: a representação de um tema interditado. Rio de Janeiro, 1991 (Dissertação Mestrado - Fundação Oswaldo Cruz).
- 6 - HORTA, V. - A criança e o perigo da morte: a criança e a morte. In.: Congresso Brasileiro de Neuropsiquiatria Infantil, IV.
- 7 - MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. - A pesquisa qualitativa em psicologia. São Paulo, Edusp, 1989.
- 8 - MINAYO, M. - O desafio do conhecimento: metodologia de pesquisa (qualitativa) em saúde. Ribeirão Preto, 1989 (Tese Doutorado - Fundação Oswaldo Cruz).
- 9 - OPPENHEIM, D. - Les dessins des enfants cancéreux. Psychanal l'enfant. (2) 63-85, 1990.
- 10 - SONTAG, S. - A doença como metáfora. Trad. de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro, Graal, 1984 (Coleção: Tendências, V. N. 6).
- 11 - SPINETTA, J. J. & SPINETTA, P. D. - Living with childhood cancer. St. Louis. C. V. Mosby, 1981.
- 12 - VALLE, E. R. M. - Ser-no-mundo-com-o-filho portador de câncer: hermenêutica de discursos de pais. São Paulo, 1988 (Tese Doutorado - Instituto de Psicologia - USP).
- 13 - VALLE, E. R. M. - & FRANÇOSO, L. P. C. - O tratamento do câncer infantil- visão de crianças portadoras da doença: análise de desenhos e relatos. Acta Oncol Bras, 12:102-7, 1992.